

## Agricultura urbana: natural aqui do Rio de Janeiro

Severin Johannes Baptist Halder<sup>1</sup>  
Marcio Mattos de Mendonça<sup>2</sup>  
Denis Monteiro<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo aborda o tema da agricultura urbana com foco na sua relação com o meio ambiente. Trata da dimensão teórica da relação entre as cidades, a natureza e a agricultura, mostrando as conexões e rupturas. Apresenta a idéia da agricultura urbana e as suas múltiplas funções, com especial ênfase nas diversas funções ambientais. Discute o potencial de tal atividade para enfrentar os graves problemas ecológicos e sociais das grandes cidades. As reflexões são feitas à luz dos acúmulos teóricos e das experiências desenvolvidas na cidade do Rio de Janeiro, no âmbito do programa de agricultura urbana da Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA).

Palavras chave: Agricultura urbana; Meio ambiente; Agroecologia; Ecologia urbana; Gênese das cidades; Segurança alimentar e nutricional.

### Abstract

This article treats the subject of urban agriculture, focusing on its relation with the environment. The text deals with the theoretical aspects/dimension between cities, nature and environment, illustrating connections and ruptures. The idea of urban agriculture and its multiple functions is presented with special emphasis on its various environmental functions. Further the potential of urban agriculture to deal with the serious ecological and social problems in big cities is discussed. The discussion considers the theoretical aspects as well as practical experiences developed in the city of Rio de Janeiro, Brazil, as part of the urban agriculture program of *Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa* (Advisory and Services on Alternative Agriculture Projects) – AS-PTA.

Key words: Urban agriculture; Environment; Agroecology; Urban ecology; Genesis of cities; Food and nutrition security.

---

<sup>1</sup> Geógrafo, mestrando em geografia, sobre o tema agricultura urbana na Eberhard Karls Universität, Tübingen (Alemanha). Colaborador da Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA). Contato: [severinhalder@gmail.com](mailto:severinhalder@gmail.com) Rua da Candelária, 9, 6° andar, Centro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil, CEP: 20.091-020 Tel.: 55 (21) 2253-8317

<sup>2</sup> Engenheiro agrônomo, M.Sc. Ciência do solo, coordenador do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA. Contato: [urbana@aspta.org.br](mailto:urbana@aspta.org.br) Rua da Candelária, 9, 6° andar, Centro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil, CEP: 20.091-020 Tel.: 55 (21) 2253-8317

<sup>3</sup> Engenheiro agrônomo, assessor técnico do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA. Contato: [urbana@aspta.org.br](mailto:urbana@aspta.org.br) Rua da Candelária, 9, 6° andar, Centro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil, CEP: 20.091-020 Tel.: 55 (21) 2253-8317

## **Cidade e agricultura**

### **Natureza, agricultura e a gênese das cidades**

A evolução da história do ser humano, da caverna até o surgimento das primeiras cidades, representa uma busca de equilíbrio entre um abrigo contra os perigos da natureza e um lugar em harmonia com ela, favorável à agricultura. Analisando os 5.000 mil anos da história urbana, percebe-se que a separação das cidades das práticas agrícolas é um fenômeno relativamente recente. Weber (1979) observa que, se na atualidade se considera que o típico habitante da cidade é um homem que não cobre suas próprias necessidades através do cultivo próprio da terra, na maior parte das cidades típicas da Antiguidade (pólis) ocorria precisamente o contrário. O cidadão da antiguidade era um cidadão lavrador. A época de Max Weber, fins do século XIX e início do século XX, no espectro da revolução industrial na Europa é caracterizada também pela separação da cidade da cultura rural, da cidade do campo.

### **Rupturas Cidade – Natureza**

Conforme Lefebvre (1991, p.31-32) “a separação entre a cidade e o campo toma lugar entre as primeiras e fundamentais divisões do trabalho”. Trabalhos diferentes que criam paisagens diferentes. O solo pavimentado, favorecendo o transporte, e a construção de edifícios vão moldando a paisagem urbano-industrial. Porém, a paisagem do espaço rural permanece em forte aproximação com os aspectos naturais e agrícolas. Essa divisão do espaço não só formou paisagens diferentes, mas também uma estrutura espacial hierárquica, com o espaço central pavimentado, que penetra o espaço periférico rural através da rede de transporte. O provérbio “todos os caminhos levam a Roma” dá uma idéia do papel da rede de vias para a concentração dos fluxos de pessoas, produtos e idéias com centralidade e hegemonia na cidade. Entretanto, sempre houve também o fluxo inverso, da manutenção e penetração do rural na cidade, o que foi ficando cada vez menos visível e admitido, intencionalmente.

A concentração da população nas cidades e a sua expansão territorial crescente, acompanhadas da generalização de estilos de consumo de padrão urbano, geram impactos ambientais negativos dentro do território urbano, pois significam destruição física da natureza para edificação das cidades, geração de resíduos, poluição do ar e das águas. Todos esses impactos são sentidos também fora do espaço da cidade. Esses territórios extra-urbanos, habitados ou não pelos seres humanos, sofrem uma pressão maior sobre os

recursos naturais, uma vez que a urbanização aumenta em muito a demanda de exploração e transporte desses recursos. Esses impactos podem ser mais bem entendidos através do conceito de pegada ecológica que, segundo Martinez Alier (2007), pode ser compreendido como o território produtivo solicitado, como manancial de recursos e como área de resíduos para sustentar uma dada população em seu nível atual de vida com as tecnologias atuais. A pegada ecológica das metrópoles é centenas de vezes maior que o território que ocupam. Além dessa constatação, os movimentos de luta pela justiça ambiental mostram que os impactos ambientais são distribuídos de maneira desigual e injusta para os diferentes grupos sociais. Os pobres sofrem muito mais do que os ricos, na cidade e fora dela.

O poeta Paulo César Pinheiro, talvez triste com a situação ambiental e social de algumas favelas cariocas, escreveu em sua música “Nomes de Favela”,

***“O galo já não canta mais no Cantagalo,  
A água já não corre mais na Cachoeirinha  
Menino não pega mais manga na Mangueira  
E agora que cidade grande é a Rocinha!  
Ninguém faz mais jura de amor no Juramento  
Ninguém vai se embora do Morro do Adeus  
Prazer se acabou lá no Morro dos Prazeres  
E a vida é um inferno na Cidade de Deus (...)***

### **As relações urbano-rural e a agricultura urbana**

É necessário repensar as relações entre a cidade e a natureza, urbano e rural, e cidade e agricultura. As cidades se constroem sobre áreas anteriormente rurais e agrícolas e com a imigração de milhares de pessoas que vêm do campo.

“Pensemos, sobretudo nas pessoas, tanto naquelas que são atraídas pelo urbano (via processo migratório) quanto naquelas que são subjugadas (“engolidas” via processo de expansão) à sua lógica. O urbano concentra pessoas, mas não oferece oportunidade a todos. Destarte, múltiplas são as formas de luta pela sobrevivência e reinserção social construídas por meio de atividades marginais (catadores, camelôs, flanelinhas). Marginalidade que instiga o retorno à realidade de origem, via luta pela terra. (...) Não é fundamento construir uma idéia que pregue a ruralização da sociedade, o que seria falacioso. Há sempre movimentos contrários seguindo direções opostas. Como na física a toda ação há uma reação. O urbano se expande sobre o rural, mas este também se recria,

seja pelo processo de luta pela terra, seja nos interstícios do processo de urbanização” (BAGLI, 2006, p. 101).

Le Goff (1998, p.32) percebeu essa reação em viagem à China, onde pode observar “a casa da família, com o quintalzinho para os legumes, os frutos necessários ao consumo familiar e que são trocados com os vizinhos. (...) A cidade, portanto, pode ser penetrada pelo campo; não seria pertinente definir, a este respeito, uma separação absoluta.”



**Foto 1: Comunidade urbana da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Milho e coqueiro nos quintais.**

Para Alentejano (2003), existem vários urbanos e rurais. “Os tradicionais estereótipos que definiriam campo e cidade, rural e urbano, não são pertinentes e isto não se deve a uma unificação da realidade que moldaria tudo à imagem e semelhança das características atribuídas às cidades. Não se trata da eliminação pura e simples do rural e sua transmutação em urbano, mas de um fenômeno mais complexo, onde um novo urbano e um novo rural surgem do choque entre ambos. Na realidade, a diversidade de formas de organização social que proliferam, tanto no campo como na cidade, poderia nos levar a sucumbir à tentação de dizer que não existe um urbano e um rural, mas vários urbanos e rurais.”

No Brasil, significativa parcela das populações que hoje residem nas grandes cidades é oriunda do meio rural. Ao se estabelecerem no meio urbano, as famílias de antigos agricultores se viram obrigadas a desenvolver modos de vida muito diferentes daqueles

regulados pelos ciclos da natureza a que estavam habituados. Se por um lado, esses novos modos de vida assimilam a essência das formas de convivência propriamente urbanas, por outro, retêm antigas práticas provenientes de suas origens rurais, que continuam a se manifestar no vocabulário, na culinária, nas artes, na sociabilidade e na relação com a terra e as plantas. A intensa urbanização no Brasil, desde a segunda metade do século XX, não sufocou completamente as práticas agrícolas nos espaços sobre os quais avançava. Além disso, trouxe agricultores e agricultoras de diferentes regiões para a cidade. Oprimiu fortemente, mas não extinguiu as culturas oriundas do meio rural. Por isso, nas cidades, inclusive nas metrópoles, há muitas agriculturas.

**(...) *Pela poesia dos nomes de favela***  
***A vida por lá já foi mais bela***  
***Já foi bem melhor de se morar***  
***Mas hoje essa mesma poesia pede ajuda***  
***Ou lá na favela a vida muda***  
***Ou todos os nomes vão mudar”***

## **As múltiplas funções da agricultura urbana: reflexões a partir da cidade do Rio de Janeiro**

### **Introdução**

Desde vasos, potes, latas, pendurados nas paredes, muros e sobre as lajes, até espaços remanescentes agrícolas, passando por quintais de casas, igrejas, escolas e outras áreas públicas, diversas iniciativas de agricultura são observadas nas cidades. As reflexões que seguem foram produzidas no âmbito do programa de agricultura urbana da Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA) na região metropolitana do Rio de Janeiro (quadro 1).

#### **Quadro 1: Programa de agricultura urbana da AS-PTA**

***A AS-PTA desenvolve um programa de agricultura urbana, em comunidades de baixa renda, na cidade do Rio de Janeiro, em parceria com diversas organizações comunitárias. O programa tem o objetivo de incentivar o aproveitamento dos diversos espaços dentro da cidade para a prática da agricultura, tendo por base os princípios da agroecologia. Busca-se a valorização dos saberes dos moradores e o melhor aproveitamento dos recursos disponíveis localmente. São estimulados os cultivos diversificados, com espécies e variedades adaptadas a cada espaço, e o uso de insumos orgânicos existentes na região (não uso de agrotóxicos e manutenção e melhoria da capacidade produtiva dos solos). A base metodológica do trabalho é a participação ativa dos moradores das comunidades, a partilha dos conhecimentos, o fortalecimento e protagonismo das organizações locais e o incentivo à experimentação (MONTEIRO e MENDONÇA, 2007).***

A agricultura praticada em comunidades urbanas cumpre uma série de funções e é motivada por diferentes razões. Cultivando alimentos em seus quintais, as famílias têm acesso a alimentos saudáveis, no momento em que necessitam e próximos da casa. Acessam também plantas de uso medicinal, que ajudam na melhoria da saúde das famílias. Com isso, enriquecem a alimentação, resgatam práticas culturais e obtêm benefícios econômicos. A agricultura urbana tem um grande potencial para a promoção de um ambiente saudável para se viver, exercendo uma série de impactos ambientais positivos.



**Foto 2: Inhame, sabugueiro, cana do brejo, no Morro do Andaraí, no Rio de Janeiro.**

### **Agricultura urbana e meio ambiente**

As associações entre agricultura urbana e as questões ambientais geralmente se inserem nos debates sobre a sustentabilidade das aglomerações urbanas e do sistema agroalimentar. Nugent (1999) postula que a agricultura urbana apresenta algumas pistas para reorganizar os sistemas alimentares, tornando-os mais sustentáveis, reduzindo tanto a importação de recursos e bens quanto à exportação de lixo e poluição.

Alguns aspectos relacionados à contribuição da agricultura urbana para a manutenção de ambientes saudáveis incluem: possibilidade de manutenção de microclimas mais frescos nas cidades; manutenção do solo urbano agricultável e maior permeabilização à água das chuvas; diminuição do volume de resíduos através do reaproveitamento de materiais e reciclagem dos orgânicos (utilizados como adubo); redução do volume da importação e da necessidade de transporte de alimentos; possibilidade de melhor aproveitamento e reuso da água e preservação de córregos e nascentes; possibilidade de conservação e incremento da biodiversidade; equilíbrio do balanço oxigênio-gás carbônico; transformação de áreas de acúmulo de lixo, águas paradas e agentes causadores de doenças em espaços produtivos; atração de pássaros, insetos etc. Além disso, a prática da agricultura urbana deve estar associada a processos de educação ambiental, possibilitando o despertar dos moradores da cidade para as questões ambientais.



**Foto 3: Compostagem de resíduos orgânicos urbanos no Jardim Guaratiba, Rio de Janeiro.**

As agriculturas desenvolvidas no meio urbano tendem a ser diversificadas, com cultivo de diversas espécies numa mesma área, como estratégia de maximização dos pequenos espaços disponíveis e como reflexo dos conhecimentos agrícolas herdados das áreas de agricultura familiar e dos quintais rurais, que têm como princípio a diversificação produtiva.

Nos espaços urbanos, são comuns pequenos espaços que mantêm várias categorias de cultivos, frutíferas, medicinais, cereais, hortaliças e ornamentais. Algumas criações animais

para fins alimentares também se realizam em áreas urbanas, mantendo diversas raças locais. Além disso, muitas vezes são cultivadas espécies e variedades não encontradas facilmente nos mercados comuns, reflexo de hábitos culturais trazidos de outras regiões e mantidos no meio urbano.



**Foto 4: Horta coletiva com grande diversidade de cultivos, principalmente plantas medicinais, no complexo da Maré, Rio de Janeiro.**

Sistemas diversificados são mais equilibrados ecologicamente e produtivos, não necessitando do uso de insumos tóxicos, e também promovem uma melhor conservação dos solos, ciclagem de nutrientes e conservação de água.

A maior diversidade de culturas geralmente observada nas áreas urbanas, em comparação com regiões rurais, pode permitir uma maior riqueza de intercâmbios de informações acerca da agrobiodiversidade. As práticas de doações de mudas e trocas de sementes e produtos, entre comunidades urbanas e destas com comunidades rurais, garante a conservação e incremento da biodiversidade cultivada nas áreas urbanas (quadro 2).

## **Quadro 2: Experiências diversificadas de agricultura urbana no Rio de Janeiro**

**No bairro da Praia da Brisa, zona oeste da cidade, Dona Leda cultiva mais de cem espécies de plantas em seu terreno de cerca de 360 m<sup>2</sup> (incluindo área construída), predominando as medicinais. Algumas espécies cultivadas por Dona Leda não são comumente encontradas nos mercados, tais como a araruta, a ora-pro-nóbis, feijão-guandu e o caruru. O seu quintal é uma verdadeira agrofloresta em meio à cidade. A agricultora urbana conhece cada planta e sabe os seus usos, seja para alimentação, como remédio caseiro, ou mesmo para composição de um agroecossistema equilibrado. O microclima do quintal de Dona Leda é muito mais fresco do que nas áreas mais urbanizadas da região. No bairro há também uma horta coletiva de cerca de 1.400 m<sup>2</sup>, em dois terrenos privados cedidos em comodato.**

**Já Nazareno (foto 3) é morador da comunidade Jardim Guaratiba, localizada também na zona oeste. Oriundo do Pará, Nazareno trouxe em sua bagagem a experiência de manejo do meio ambiente e dos cultivos agrícolas. Já sabendo um pouco sobre a possibilidade de transformar resíduos orgânicos em adubo, resolveu experimentar empilhar restos de um sacolão vizinho à sua residência, que eram despejados despreocupadamente na comunidade, folhas de jamelão que caem ao solo abundantemente na rua e um pouco de esterco animal conseguido na vizinhança. Criou então um sistema de compostagem do lixo orgânico que após transformado em adubo faz sucesso na região.**

**Seu Adão, por sua vez, tem uma experiência interessante de plantar dentro da cidade. Como sempre gostou da agricultura, e vendo o abandono da área que fica ao fundo da escola vizinha à sua casa, conversou com a diretora para fazerem um trabalho em conjunto. Seu Adão passou então a transformar a área que estava repleta de lixo, com a presença de ratos e mosquitos, em uma linda e diversificada horta urbana. Seu Adão planta bananas, batata doce, aipim, quiabo, couve, plantas medicinais ... e se orgulha em ser um agricultor da cidade.**

É preciso, no entanto, adotar uma postura de promoção das práticas agrícolas em bases agroecológicas, evitando os problemas ambientais gerados pelos pacotes tecnológicos agroquímicos.

Há algumas especificidades decorrentes da inserção da agricultura no ecossistema urbano que devem ser consideradas. A utilização de agrotóxicos no processo de produção pode se tornar relativamente mais danosa devido a maior proximidade de locais densamente habitados.

A localização urbana, se próxima a possíveis fontes de contaminação, é muitas vezes utilizada como argumento para inibir as práticas de agricultura na cidade. Metais pesados, outros poluentes de origem industrial ou biológica poderiam contaminar os recursos produtivos (ar, água e solo) e os próprios alimentos e plantas medicinais. Isso nem sempre é verdade, nem todos os espaços da cidade estão contaminados e há formas de adequar as

práticas às condições ambientais dos locais e, mesmo quando há contaminação, não deveria ser utilizado como argumento para coibir a agricultura na cidade, mas sim para se pensar ações de inibir e controlar as fontes de poluição.

### **Agricultura urbana e a segurança alimentar e nutricional**

Drescher et al. (2000) afirmam que a produção de alimentos em áreas urbanas se dá em muitos casos como uma resposta dos moradores a: um acesso inadequado, pouco confiável e irregular às provisões de alimentos, em parte devido à falta de disponibilidade ou à falta de poder aquisitivo; um acesso inadequado a oportunidades formais de emprego, devido à deterioração das economias nacionais nos países pobres.

Segundo Armar-Klemesu (2000), os estudos que procuram medir os impactos da agricultura urbana na segurança alimentar e nutricional geralmente confirmam a hipótese de que esta melhora a situação da alimentação das famílias mais pobres. Segundo o mesmo autor, alguns estudos têm mostrado que os agricultores urbanos têm geralmente uma dieta mais rica em hortaliças e frutas do que os não-agricultores da mesma faixa de renda.

Do ponto de vista dos impactos na alimentação, a produção de alimentos na cidade não supre, e dificilmente tem potencial de suprir, na totalidade, as necessidades nutricionais dos moradores. No entanto, a produção local é uma forma de acesso aos alimentos distinta dos mecanismos de mercado ou assistencialistas, comuns no contexto urbano, o que coloca uma perspectiva de maior autonomia das populações. Em relação à qualidade dos alimentos e da alimentação, a produção de frutas e hortaliças, por exemplo, cumpre papel importante no fornecimento de nutrientes, especialmente vitaminas e sais minerais, dos quais as dietas são em geral carentes. Além disso, permite uma diversificação dos hábitos alimentares e facilita processos de educação alimentar e nutricional. Outro aspecto fundamental é que geralmente não são utilizados produtos químicos nocivos à saúde na produção (MONTEIRO e MENDONÇA, 2004).

Em Belém, o plantio de espécies frutíferas predomina nas áreas intraurbanas, sendo que 95% dos locais pesquisados têm pelo menos uma árvore frutífera (MADALENO, 2002). As espécies mais abundantes são o açaizeiro, a goiabeira, o jambeiro e o abacateiro. A autora nota, em relação a essa última fruteira, que, além dos diversos usos medicinais mencionados, é relevante o valor calórico do abacate, já que uma única fruta tem cerca de 980 calorias – quase a metade das necessidades nutricionais de um adulto – e uma riqueza em vitaminas A, B, C, D e E. Nos quintais também são encontradas espécies hortícolas, principalmente condimentos utilizados em pratos típicos, e até mesmo cereais, raízes e tubérculos, além das medicinais e ornamentais.

No Loteamento Ana Gonzaga, comunidade da zona oeste do Rio de Janeiro, em pesquisa realizada em 150 quintais domésticos com alguma iniciativa em agricultura, foi identificada uma grande diversidade de espécies alimentares cultivadas: 31 espécies de frutíferas e outras plantas perenes e 32 espécies anuais. Para algumas das famílias mais pobres da comunidade, o quintal é a única fonte de hortaliças (MONTEIRO e MENDONÇA, 2004).

Também deve ser considerado que a recuperação de laços de sociabilidade e a elevação da auto-estima, proporcionadas por dinâmicas de agricultura urbana, contribuem diretamente para a busca de estratégias coletivas e individuais de promoção de maiores níveis de segurança alimentar e nutricional.



**Foto 5: Alimentos colhidos em quintal da zona oeste do Rio de Janeiro.**

### **Agricultura urbana e saúde**

Além das questões já mencionadas no que se refere à segurança alimentar e nutricional, da qualidade dos alimentos produzidos nas áreas urbanas e das dietas mais nutritivas, merecem destaque o cultivo de plantas medicinais e a utilização de remédios caseiros, comuns nas referências culturais de muitos habitantes urbanos. Essa é uma prática generalizada que permite, além do resgate do conhecimento popular, a melhoria das condições de saúde através da prevenção e tratamento de alguns problemas simples com

plantas medicinais, seja através de chás e infusões, seja a partir da elaboração de tinturas, pomadas e outras formas de manipulação caseira mais elaboradas (quadro 3).

**Quadro 3: Experiências de grupos populares com plantas medicinais no Rio de Janeiro:**

***No município do Rio de Janeiro e na baixada fluminense, existem diversos grupos comunitários, formados por pessoas voluntárias, em sua grande maioria mulheres, que se reúnem para cultivar e manipular as plantas medicinais e atender às pessoas que necessitam em suas comunidades. Os grupos têm hortas nos quintais, espaços coletivos como igrejas ou terrenos emprestados, e acessam muitas plantas espontâneas em capoeiras e áreas de matas ou compram nos mercados populares e feiras. A biodiversidade dos espaços cultivados é muito grande. Há hortas com mais de 150 espécies de plantas medicinais, nativas de todas as regiões do Brasil e originárias de diversos outros países. Esses grupos se organizam na forma de uma rede – a Rede Fitovida – que tem o objetivo de valorização dos conhecimentos populares sobre plantas medicinais.***

Em muitos estudos de caso são feitas referências aos aspectos terapêuticos da prática da agricultura urbana e do contato com a terra e as plantas. As pessoas que praticam agricultura nos espaços urbanos acham que cuidar do quintal, das plantas, faz bem, acalma, promove exercícios físicos e eleva a auto-estima.

### **Agricultura urbana e geração de renda**

A agricultura praticada em comunidades rurais, dentro ou no entorno das grandes cidades, tem, na maioria das vezes, objetivo direto de geração de renda através da venda da produção. Frequentemente, os agricultores sobrevivem exclusivamente da agricultura ou têm maior parte da renda oriunda desta atividade.

Já nas áreas intraurbanas, a questão do autoconsumo, das trocas e doações prevalece sobre as finalidades comerciais da produção. A geração de renda se dá de forma indireta, na economia que as famílias fazem quando diminuem a compra de alimentos no mercado. Algumas iniciativas de maior porte geram excedentes comercializáveis, que são vendidos diretamente aos consumidores, não passando por atravessadores.

## **Conclusão**

### **(...) Ou lá na favela a vida muda Ou todos os nomes vão mudar”**

Na gênese das cidades, existia um laço íntimo entre a cidade, a natureza e a agricultura. O laço enfraqueceu, mas nunca se desfez. Nas cidades de hoje, em especial nas metrópoles, com uma pegada ecológica crescente e graves problemas sociais, é importante voltar a pensar na agricultura urbana e o seu potencial para enfrentar esses problemas ecológicos e sociais.

Hoje em dia, a agricultura praticada no interior das cidades no geral não é nem percebida, é invisível aos olhos de muitos, em especial dos governos. A percepção hegemônica é de que agricultura é sinônimo de atraso, as práticas existentes, resquícios do passado, que precisam, e serão, inexoravelmente, superadas. Não é um tema na agenda das organizações sociais e dos gestores de políticas públicas. O potencial da agricultura urbana raramente é conhecido e debatido.

Mas as agriculturas urbanas existem, seus praticantes têm muito o que dizer. Em tempos de crise social e ecológica, surge como uma idéia inovadora, capaz de gerar uma série de impactos positivos e contribuir para mudanças na sociedade.

É necessário incentivar experiências diversificadas de agricultura dentro da cidade, em escala ampla, envolvendo cada vez mais pessoas, organizações locais e comunidades, ampliando as áreas cultivadas e promovendo a diversidade ecológica na cidade. A agricultura urbana que interessa promover deve se orientar pelos princípios da agroecologia e valorizar as ricas experiências e conhecimentos dos moradores das cidades. É necessário repensar o uso que no geral se faz das áreas públicas e privadas, aproveitando o potencial de desenvolver práticas agrícolas. Os espaços onde se pratica agricultura devem ser, além de produtivos, locais de convivência, encontros, aprendizados, interações.

A agricultura urbana, hoje invisível e oprimida pela lógica capitalista de apropriação do espaço e pela artificialização da vida, fornece pistas reais para mudanças, como quer o poeta, para ecologizar a cidade e transformar, para melhor, a vida das pessoas e comunidades. A vida vai poder então mudar mesmo, e quem sabe mais galos vão cantar no Cantagalo, e muitos meninos e meninas vão se fartar nas mangueiras, jaqueiras e goiabeiras do Morro da Mangueira e de diversas outras comunidades.



**Foto 6**

**Bibliografia:**

ALENTEJANO, P. R (2003). As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. Terra Livre, São Paulo, v. 2, n. 21, pp. 11-23.

ARMAR-KLEMESU, M. (2000). *Urban Agriculture and Food Security, Nutrition and Health*.

BAKKER, Nico et al. (eds.) Growing cities, growing food: Urban agriculture on the policy agenda. Feldafing: DSE, pp. 99-117.

BAGLI, P. (2006). *Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição*. Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural. Sao Paulo, Expressão Popular, pp. 81-109.

DRESCHER, A. W.; JACOBI, P.; AMEND, J. (2000). *Urban food security: urban agriculture, a response to crisis?* Urban agriculture magazine. S. I.: RUAF, v. 1, n. 1

LE GOFF, J. (1998). Por amor às cidades: Conversações com Jean Lebrun. São Paulo, Unesp.

LEFÉBVRE, H. (1991). O direito à Cidade. São Paulo. Moraes.

MADALENO, I. M. (2002). A cidade das mangueiras: agricultura urbana em Belém do Pará. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002. 193 p.

MARTINEZ ALIER, J. (2007). Ecologismo dos Pobres. São Paulo, Contexto.

MONTEIRO, D; MENDONÇA, M. M. (2004). *Quintais na cidade: a experiência de moradores da periferia do Rio de Janeiro*. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, Rio de Janeiro, v.1, n.0, pp. 29-31.

MONTEIRO, D; MENDONÇA, M. M. (2007). *Promoção da Agroecologia na cidade: reflexões a partir do programa de agricultura urbana da AS-PTA*. ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. Caderno Construção do Conhecimento Agroecológico: novos papéis, novas identidades. pp. 131-140.

NUGENT, R. A. (1999). *Measuring the sustainability of urban agriculture*. KOC, Mustafa, MacRAE, Rod, MOUGEOT, Luc J. A. e WELSH, Jennifer. For hunger proof cities: sustainable urban food systems. Toronto: IDRC, p. 95-99.

WEBER, M. (1979). *Conceito e categorias de cidade*. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Zahar, pp. 68-89.

Créditos das fotos:

Fotos 1 e 2: Severin Johannes Baptist Halder

Fotos 3, 4, 5 e 6: Arquivo AS-PTA